POÉTICA HISTÓRICA

Maike Cabral

Φ

O tempo não é um limite; o tempo não é um instante; o tempo é a impermanência. Se tal não fosse "impermanência, seria eternidade; mas, mesmo sendo um átimo limite entre realidades não presentes, ele ainda não é um "instante" – pois cada instante não é outro, e o outro não é o de antes, então... a fugacidade de todos é nosso tempo errante.

A morte não interrompe o tempo, só o torna mais claro. Se há algo estranho no tempo é que nele a morte procede naturalmente como a vida que move secretamente. E é nessa trama que a História se torna domínio tipológico no qual pessoas e acontecimentos não existem isoladamente, mas como partícipes significantes no mistério que transcende seus próprios limites físicos e temporais – portanto, históricos. O *tipo* e a *morte* são as constantes da História.

O processo histórico universal, como todo processo, é uma criação contínua que se move em direção a um ponto culminante muito além de nossa esfera particular. Há nele uma gênese, um ápice e um termo cujo significado conjunto nos escapa. É nesse sentido que dizemos que a História é um processo de natureza sobrenatural só indiretamente compreendido.

O fato é que o tempo irá sorver nossas vísceras quando o espaço transparecer seu ocaso. Pois ele urge quando a alma insurge, como um vento que leva quando a alma espera. Por isso a História nos parece uma espécie de consciência tênue e movediça, apenas insinuando a "forma final" que teremos após a morte.

Esta é a base do velho hábito que torna a novidade uma eterna repetição: a *consciência histórica* – que consiste na assimilação intelectual de tudo aquilo que nos foi transmitido e na intenção voluntária de preservar tudo aquilo que nos é necessário.

Portanto, conceber o mundo como concomitante ao tempo nos desvela a perspectiva de uma forma última permeando todo o dinamismo e mutabilidade. Uma forma que destila seu esplendor na trama da História, porém, sem revelar sua plenitude inabarcável.

Na medida em que o mundo é a resultante de um ato criativo, especialmente de um engenho pensado, inevitavelmente ele passa a assumir uma possibilidade narrativa – histórica – por incorporar em si a herança memorativa de suas mutações e

a possibilidade de novos movimentos empreendidos. Eis porque podemos falar de um teor mitológico da História, como se ela fosse nosso *labirinto minóico* onde se revela uma alegoria profunda da busca pelo destino.

Como *Teseu*, nos confrontamos nela com os desafios e perigos que são próprios da natureza humana, ameaçada pelo monstro feroz que habita em suas sombras e que se interpõe no caminho como um obstáculo a ser vencido – o *Minotauro*. Contudo, não estamos sós, pois através da graciosidade de *Ariadne* nós encontramos a esperança e auxilio necessário em meio a essa difícil tarefa. Aqui, ela personifica a graça, o sinal da providencia que nos guia e ampara em nossos rumos. Seu fio se desenrola como uma revelação, indicando a sabedoria e os preceitos de uma tradição profícua que nos apoia iluminando o caminho até o discernimento do bem e do mal, da verdade e do erro.

Em suma, a jornada de busca pela realização do propósito ultimo de nossa natureza: a salvação - encontrada através do fio providencial de orientação correta no trajeto presente e da superação pessoal ante as tentações imprimidas pelo passado, em vista da liberdade futura. Está aí o mistério literário encarnado.

Se definirmos a História como um *conto do que aconteceu*, e a literatura como um *conto do que pode acontecer*, o acontecer do conto só pode ser algo *além do acontecido*. E nisso consiste a poética da História. O problema fundamental que nos atinge está relacionado ao domínio histórico, que se configura como o placo onde ocorrem as múltiplas escolhas e as miríades de erros ou acertos morais. Todavia, seu desfecho é, para a alma, invariavelmente marcado por uma determinação que culminará em: sucesso ou fracasso definitivo.

Acontece que o homem contemporâneo vive não mais entre o dilema antigo do "ser ou não-ser", mas entre o delírio idealista – radicado num viver material – do "sucesso ou fracasso" temporal. Isso por si só não seria ruim se ele tratasse essas duas categorias como elas realmente são: condicionais – e devem se realizar a partir de alguma realidade que transcenda o seu próprio estado conceitual. "Sucesso ou fracasso" em relação a quê? eis a questão.

Sabemos que a História pertence ao *domínio da palavra*; que a palavra pertence ao *domínio do ser*; mas, e o ser da História? Ele é a *palavra encarnada*. A *Palavra* é o ser da História, seu fundamento, pois ela é a *Palavra* no tempo; tempo é o *limite no*

espaço; e o espaço da História é o *tempo ilimitado*: a eternidade. Isso equivale dizer que somos espacialmente atemporais. No tempo, a fé na *Palavra* é a verdadeira batalha, seu maior inimigo, a sedução impostora da falsa paz - já que a verdadeira paz transcende a História.

Só assim resistimos a épocas de incertezas. É difícil aceitar, mas existem oportunidades que só surgem durante períodos de crise e catástrofe. Em situações de incerteza e caos, as pessoas são confrontadas com a realidade nua e crua, sem as ilusões e fantasias que geralmente permeiam o cotidiano. Durante esses momentos, as certezas fundamentais são postas à prova, e a verdade sobre a natureza humana, e até a condição social, se torna mais evidente.

Na História, a crise e a catástrofe proporcionam uma oportunidade única para examinar de forma clara e honesta as estruturas sociais, valores culturais e crenças fundamentais que nos sustentam. Em meio ao caos, as ilusões são desmanteladas nos dando a chance de confrontar a realidade de forma mais direta e profunda. No entanto, é importante ressaltar: essa visão não implica que a crise seja desejável por si só, ou que a devamos buscar ativamente, mas sim, que elas devem ser encarnadas espiritualmente! extraindo de suas circunstâncias a clareza única de uma compreensão intensa, já que, a incerteza, é a razão de toda História.

O tempo tem um caráter *irreversível* que torna a eternidade *impreterível* e a realidade histórica *irremovível*. Aí o destino se cumpre, pois sabemos que a morte é um fenômeno tão real e tão indiferente que nos causa uma aversão súbita e acachapante – e isto é uma graça! Realmente não devemos ser indiferentes a ela. Via de regra, sua menção em colóquios cotidianos tem aparecido, atualmente, apenas sob a forma das mais obtusas fofocas; como instrumento da engenharia do medo que raramente aceita uma reflexão profunda e séria.

Somente em um contexto "impessoal" a morte é convidada ao banquete das palavras. Mas quando a coisa é tratada com um tom mais denso e grave, material e fático – "a minha morte", "o meu fim", "o meu fado eterno" – o papo revira, e algum interlocutor frêmito sempre muda o canal da conversa para a estação mais próxima: aquela dos problemas triviais deste século...

Isto denota um perigo presente: que um elemento fundamental da existência humana está sendo rechaçado do dialogo corrente como *cosa non grata*, ou seja, como

algo destituído de valor prático para os fins desta vida. “Vire essa boca pra lá!”, eis o slogan da salvação imediata e do alivio que permite nossa inserção no *chat* público.

Convenhamos, a morte não é simplesmente um assunto; um tema avulso e trivial; um noticiário triste ou uma tara mórbida de adoradores pessimistas. Ela é o fixar de todos os tempos do homem em uma forma final e irretocável; o arremate de costura irreversível que estampa nossa História, de uma vez por todas, na imensidão de uma eternidade sem véus nem dissimulações. Algo muito sério e urgente de reflexão. Como não falar (e, mais ainda, pensar!) sobre algo tão próximo como a morte, que envolve a perenidade de nosso destino; a irreversibilidade de nossas ações; e o estado final de todas as almas? Cala-te, boca! Pois tal escrúpulo reside no fato de termos perdido a noção clara de que a *cosa non grata* é o assunto mais relevante da História.

Jaz, então, em campo tão conturbado, uma silenciosa e pestilenta revolução das ideias. Toda revolução enquanto método é uma busca pelo “homem novo” nos remendos do “homem velho”, e nelas podemos observar mudanças drásticas ao invés de simples retornos sazonais. Haja visto nossa concepção temporal: a História já foi a repetição imutável de um tempo circular; a expectativa messiânica dentro de uma linearidade progressiva; quando ela sempre foi e sempre será a metafisica dramática de um fim indescritível. A verdadeira revolução é o retorno ao princípio pelo fim.

Ademais, o desejo do homem em ser mais que “homem” – o motor propulsor de toda mudança revolucionaria de índole drástica – é, na verdade, uma reminiscência do pecado que deseja a graça. Mas é também um convite - disfarçado - a se despojar de si mesmo. E este é o caminho pelo qual a “razão histórica” se reconhece não como razão da História, nem mesmo história da razão: mas como coerência interna da consciência que experimenta e expressa o acontecer. A própria consciência coerente que falta à revolução.

O círculo fechado da vida temporal não é tão fechado quanto aparenta a estes “agentes do destino”. Ele é penetrado pelas fontes profundas do Espírito. E nossa História estará fadada a ser uma narrativa insossa se não for, também, penetrada pelo grande dialogo deste Espírito, que se inicia com um olhar sincero sobre a ordem do real e se concretiza no “rezar” intrépido de um credo obedecido. Por isso, o olhar deve ser sempre o primeiro a orar.

Porém, é muito cômodo em um período como o nosso viver e pensar a História como algo "natural", quando quase não participamos naturalmente do próprio "mundo natural" do ser homem, que nos impõe a oração. Isso talvez seja a causa da mais hostil nostalgia, aquela que chora o passado como uma ausência de presença ante um futuro absolutamente incerto – mas definitivo. Não rezamos mais, apenas praguejamos.

Por atuarmos exaustivamente no "mundo artificial" dos homens, junto às suas parafernálias psicotécnicas, perdemos pouco a pouco a suave noção de um cosmo objetivo e magico, possuidor de um *Logos*, que está para além do nosso ínfimo pensar – e paramos de rezar. Isto fez com que a compreensão da História também se enrijecesse, tal a presunção existente ante a falácia sopega do primado do mundo "artificial" sobre o "natural".

Isso porque não rezamos, por não cremos nem mesmo no cosmos, quanto mais em Deus. A oração só pode retornar a nossa atividade frequente se mantermos a lembrança de que homem não é senhor da História, apenas o canal pelo qual ela se faz presente nos dois ambientes.

A oração no plano histórico é o diálogo necessário para o encontro com o Espírito que habita todas as coisas. Procuramos ele no fundo de nossa História pessoal, mas desconsideramos o fato de que este fundo (onde o espírito habita) é como um túnel no fim da luz. A procura por esse fundo se baseia na necessidade de imprimir sentido aos infindáveis fenômenos captados pela percepção que, retidos na memória e processados pela força da inteligência abstrata, são transmutados substancialmente – passando a fazer parte de nossa estrutura discursiva.

Sem realizar esta ambição simbólica, o homem andará como um fantasma nietzschiano entre arbustos gélidos de suas próprias criações potencialmente niilistas, em sede infinda por simbolizar o estado temporal, tal é a marca presente de uma realidade premente revelada apenas em seu limiar.

Se todo conhecimento começa pelo contato com o mundo "vivido" nos órgãos sensoriais, e só assim elaboramos a imagem ideal acerca da experiencia (capaz de transcender seu próprio círculo imediato), obviamente, está também deverá ser a dinâmica interna do conhecimento histórico. São como formas vivas no espirito do homem. E essas formas imitam o próprio mundo histórico, que é um baluarte imponente edificado sobre o desejo infinito de um Ser Real, cuja vontade inabalável é

seu alicerce primordial. Neste momento entramos num plano onde a inclinação religiosa se impõe ante o instinto historicista do homem. Só isto a explica e o sustém.

Vejamos o caso do cristianismo, religião profundamente histórica por ser sustentada pela fé em um fato, um acontecimento humano axial: a encarnação. Tal visão implica numa valorização extremamente positiva do tempo vivido, onde a História passa a ser vista como um modo de concretização do plano divino – uma *economia* destinada à salvação. No entanto, a verdadeira História, aquela que carrega um sentido mais profundo, não é apenas a sua dimensão empírica e visível que conhecemos através dos eventos e documentos registrados. Existe uma História, em larga medida, inacessível a nossos olhos, que trata do destino espiritual de cada homem e de toda a humanidade.

Essa História, ancorada na eternidade, transcende as limitações do tempo presente e das perspectivas históricas humanas. Ela está entrelaçada à própria ação divina, a Providencia, e guiada por um proposito muito além dos limites terrenos. Nesse contexto, os acontecimentos históricos adquirem significado especial, como peças de um mistério a se desdobrar no tempo.

Para os cristãos, essa compreensão da realidade histórica é essencial para exercer a própria religião, já que a percepção do proposito divino em sua presença constante nos acontecimentos e trajetória temporal humana são cruciais. No entanto, a faceta formal da História, por mais importante que seja, é uma camada fina e superficial da narrativa eterna que está se desenrolando constantemente até sua consumação. Isso convida-nos a uma seria reflexão acerca da natureza do tempo e da própria existência humana.

A percepção da participação num plano divino nos dá um novo sentido e uma nova esperança diante da vida e dos próprios acontecimentos. O cristianismo pode ser chamado a *Religião da História*, pois através dele podemos enxergar para além das aparências e mergulhar nos mistérios do destino universal. Sua perspectiva angular nos convida a reconhecer que no fluxo do tempo somos parte de algo maior, mais significativo e presente! em uma História que ultrapassa os horizontes terrenos enquanto simultaneamente nos revela a ação do divino ao longo dos séculos. O cristianismo é a própria historicidade em forma religiosa.

O argumento aqui exposto se baseia no fato gritante que impõe a céticos e crentes o mesmo princípio elementar: a História termina onde a alma refina os seus relicários – a morte. Tendemos a pensar o termino da História como o simples cessar de toda a atividade e atuação no momento da morte, mas sugiro pensar que ele é o refinamento dos intentos passados no tempo onde todos os tesouros estavam à nossa sorte. Assim, encaramos a morte não mais como um absoluto instante, mas como um movimento complexo onde a vida vivida se torna a vida medida. Elucubrações deste tipo são incomuns entre nós que vivemos num século de superficialidades. E isto se deve a crise da temporalidade.

O tempo é a imagem móvel do eterno, já diziam os antigos sábios. Portanto, a redescoberta do eterno no tempo passa a ser um elemento crucial para a boa e sã consciência histórica. Somente compreendendo que o divino se manifesta concretamente na História encontramos o sentido mais profundo (ou, algum sentido!) e significante em nossas concepções temporais, tão secularizadas pela modernidade.

A crise da temporalidade nos legou a ausência do senso do sagrado, consequentemente, de um tipo especifico de imaginação, nos levando a um vazio existencial que busca desenfreadamente significados em esferas relativas. As rápidas mudanças tecnológicas, políticas e sociais iniciadas na época moderna ajudaram a gerar um clima de angustia generalizada, por conta da alta aceleração da vida cotidiana e de uma relação artificial com o tempo. Isto nos desconectou ainda mais do sentido profundo da existência histórica – e de nossa consciência dela.

Em certa medida, este fenômeno deriva dos desafios que o pensamento teológico cristão enfrentou ao lidar com a dicotomia conceptual entre “natural” e “sobrenatural”. Porém, em nossa busca por uma abordagem integrada que nos permita encontrar a presença e ação do eterno na realidade histórica só será possível através de um retorno a esta mesma tradição teológica e, sobretudo, a seu imenso arcabouço intelectual que trata da temporalidade sob o ponto de vista de sua relação com este mesmo eterno.

Isto porque acreditamos que a tradição cristã tem, de fato, a chave perfeita para a leitura e significação histórica – expressa em sua perspectiva da *economia da salvação*. Tal abordagem nos ajudará a perceber como Deus age na História ao nos oferecer um significado amplo, estável e lucido capaz de harmonizar a experiencia

pessoal com o mistério do Cristo e seu corpo universal – a Igreja – desenvolvido no tempo. Só assim poderemos reencontrar o verdadeiro sentido e proposito de nossa jornada temporal, particular ou coletiva.

Reconhecer o eterno no tempo nos permite a conexão com a finalidade última da própria História, pelo fato de vivermos no interstício entre as duas vindas de Cristo. Esta convicção nos convida a aguardar ativamente - com esperança e vigilância - a plenitude do reino, enxergando a temporalidade como uma oportunidade única de regeneração espiritual e união com o eterno. O mistério de Cristo continua a se revelar no tempo, e essa fé nos encoraja a manter nossos corações abertos à ação contínua de Deus na História e a buscar um aprofundamento presente de nossa compreensão dele mesmo.

Só assim a História nos mostrará sua dimensão sacramental, diante de um panorama sobrenatural que reconhece a sacralidade de todos os eventos. Como nossa experiencia do divino começa no plano temporal, é na História que ele se manifestará – nos acontecimentos dotados de significado simbólico – proporcionando razão à nossa ínfima existência. Isso nos permite reencontrar o símbolo formal sintético de peregrinos na terra, pela tensão do encontro entre o divino e o humano em cada circunstancia histórica. E então, a crise cessará: quando voltarmos a sacralizar nossas concepções históricas por intermédio desta imersão temporal no eterno.

Como ligações momentâneas entre o céu e a terra, somos a linguagem abstrata do eterno no tempo; cedros da imortalidade sustentando o palácio de Deus – a criação, a História. Suas colunas são os anseios do homem em busca de sentido e permanência, pois Deus possui “a” História e não “uma” história, como nós. E por possuirmos uma, nos vemos em risco de cair em seu cárcere: o cárcere da História. O que deveria estar aberto ao influxo do eterno pode se tornar fechado, na redoma de um tempo limitado à noção espacial.

A percepção de um transcurso inviolável e aberto à infindas elucubrações pode tomar o lugar da concepção de perfeição dada no fim glorioso e transubstancial. A História – página em branco a ser escrita por Deus pela pena do homem – de um caminho estreito para o paraíso anagógico pode transformar-se em cárcere acônito de um pensamento em pleno nadir, pois a expectativa que não se completa é a perspectiva de uma porta escancarada às mais densas frivolidades. Assim, uma “história sem fim”,

torna-se a multiplicidade sem eixo de uma unidade perdida em pasmos devaneios febris. Sem o *Fim*, a História é a maior prisão de todos os tempos.

O verdadeiro valor da História é o tempo. A doação desse tempo deve ser integral se quisermos sobreviver perante o charme da riqueza embevecida, já que a ausência da graça nos impõe a presença do deicídio – amor desmesurado pelo próprio tempo. Pois há um movimento imortalizador na História, que se dá através do ângulo temporal que eleva as coisas de baixo ao derramamento das coisas do alto. Por isso somos reflexos de realidades acima do tempo, invejados pelas estrelas que contemplam nossas dores ao longo das eras. Mas nós também as contemplamos, porém, num outro nível, nível este que nos espelha suas dores: nunca saberem o que são nossas alegrias.

Nosso consolo, dentro deste mar revolto de aflições e sorrisos mistos, é nossa barca, a barca a fé. E com ela devemos atravessar este mar que é a História, repleto de terríveis seres subaquáticos e belas aves marinhas que sobrevoam nossas pálidas cabeças. Estes são os que denominamos "agentes estáticos", partes da criação que circundam nossa alma, uns à procura de elevá-la, outros à procura de afundá-la.

A verdade é que nunca saberemos como se dá a formação histórica de um agente estático. Tudo o que podemos saber está baseado nos indícios de sua influência direta e indireta no transcurso da vida humana. Porém, considerando que tudo aquilo que não é Deus é, por definição, limitável e mutável em alguma medida, essa medida deverá ser a o grau pelo qual devemos crer que a História é, para eles também, uma forma simbólica da totalidade de sua participação na eternidade, nunca uma visão direta para além de sua condição criatural. Em termos de História, os anjos também são contingentes como nós.

Um breve olhar para a vastidão do céu, estando na barquinha flutuante no mar da História, pode nos reduzir a uma modéstia rica em consolos. Mas aqueles que decidem saltar às águas e contar somente com o poder dos braços, ou de alguma bóia esdrúxula, tendem a se elevar à reles soberba fria dos náufragos da fé. Estes são os "transformadores de mundos", sujeitos que não admitem a inteligência da embarcação - enquanto se submetem voluntariamente ao poder da natureza. E esta é uma forma de morte histórica silenciosa e lenta, caracterizada pela ausência da força sobrenatural que, no fundo, vivifica suas almas no tempo.

Acontece que, quando chegada a hora das núpcias (a separação com o tempo), elas nada mais podem para recuperá-la, e tornando-se desconhecidas eternamente por Aquele que as conheceu desde o princípio.

Por muitos terem pulado da barca, a sociedade contemporânea vive no limiar de um colapso, embora sob a sombra de um alivio lisonjeiro daqueles que se banham próximos à uma ilha de areia prestes a liquefazer. O que a sustenta ainda em riste são os poucos retalhos da antiga e sólida fé, que a sanha voraz da revolução ainda não conseguiu apagar - o coração dos santos que estão “na moita”.

Mas lembre-se: a História real repousa nas mãos de Deus, embora urdida pelo Diabo. E esta é doutrina mais eficaz contra a tecnicismo historicista, sua poética, à margem de tudo e de todos.

***